

O *FORVM* DOS *IGAEDITANI* E OS PRIMEIROS TEMPOS DA *CIVITAS IGAEDITANORVM* (IDANHA-A-VELHA, PORTUGAL)

THE *FORVM* OF THE *IGAEDITANI* AND THE EARLY TIMES OF *CIVITAS IGAEDITANORVM* (IDANHA-A-VELHA, PORTUGAL)

PEDRO C. CARVALHO

CEAUCP. Instituto de Arqueologia. Universidade de Coimbra

RESUMEN

Se pretende dar a conocer los resultados —aún inéditos— de las excavaciones arqueológicas llevadas a cabo en 2007 y 2008 en el *forum* de la capital de *Igaeditani*. Entre las principales novedades recogidas durante las dos campañas de excavación se destaca la fecha de construcción del *forum* (con comprobada cronología Augustiana, fundamentada ésta, por primera vez, en el registro estratigráfico y siendo diferente de la que ha sido generalmente avanzada últimamente), o la presencia de un edificio singular con paredes divisorias construidas en tierra, que fue destruido durante la construcción del conjunto forense. También con base en los resultados de estas excavaciones, se discute la posibilidad de una ocupación del local durante la Edad del Hierro así como la fecha de la fundación de la ciudad romana, procurando también integrar el momento de construcción del *forum* en el proceso de promoción política y jurídica de esta *civitas* del interior norte de la *Lusitania*.

SUMMARY

This article presents the previously unpublished results of the archaeological excavations carried out between 2007 and 2008 in the *forum* of the capital of *Igaeditani*. Among the novelties found during the two excavation campaigns we can highlight the date of the *forum*'s construction (with verified Augustan chronology based for the first time on the stratigraphic record and different from what has lately been put forward) or the presence of a singular building with dividing walls built of earth, which was destroyed during the building of the *forum*. Also based on these findings from the excavations we discuss the possibility of its occupation during the Iron Age as well as the date of the founding of the Roman city, endeavouring to relate the moment when the *forum* was built to the process of political and juridical promotion of this *civitas* in the north inland part of *Lusitania*.

PALABRAS CLAVE: *civitas Igaeditanorum*, *forum*, ordenamiento administrativo augusteo, paredes en tierra.

KEY WORDS: *civitas Igaeditanorum*, *forum*, Augustan administrative order, earth walls.

1. INTRODUÇÃO

A *civitas Igaeditanorum*, e particularmente a sua capital (cujo local coincide com a actual aldeia de Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco), ocupou um lugar de destaque no quadro da ocupação romana do interior norte da *provincia Lusitania* (Figs. 1 e 2). Embora esta cidade romana tenha sido objecto de intervenções continuadas (destacando-se aquelas que, entre as décadas de 50 e 70 do séc. xx, foram dirigidas por D. Fernando de Almeida; Almeida, 1956, 1964, 1970 e 1977; Almeida e Ferreira, 1964 e 1966) e se conheçam no local vários restos construtivos que testemunham a sua relevância (para além de um acervo epigráfico verdadeiramente excepcional; Sá, 2008), muita da informação disponível carece hoje de actualização, designadamente aquela que respeita ao seu centro monumental (Cristóvão 2005). Com efeito, o nosso conhecimento acerca do cenário físico do principal centro cívico da cidade dos *Igaeditani* permanece relativamente limitado.

Do *forum dos Igaeditani* resta visível, em grande parte sob a conhecida torre de menagem do castelo templário, o pódio do seu principal templo (Fig. 3). Com uma planta de proporções regulares (17,4 x 9,2 m) e construído com grandes silhares, o templo principal poderia eventualmente corresponder, quanto à planta e ao número de colunas na fachada, ao tipo prostilo / tetrastilo (Hauschild 2002: 220) ou pseudo-períptero / tetrastilo (Mantas 2006: 89), embora desta parte superior do templo nada reste. Para além do edifício religioso, que em posição axial

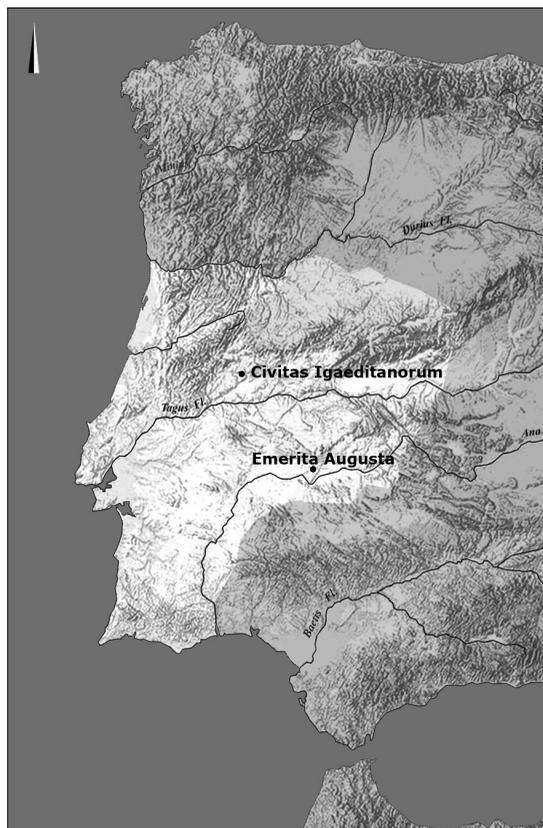


Figura 1. Localização da *civitas Igaeditanorum* na *Hispania* e em relação à *provincia Lusitania*.

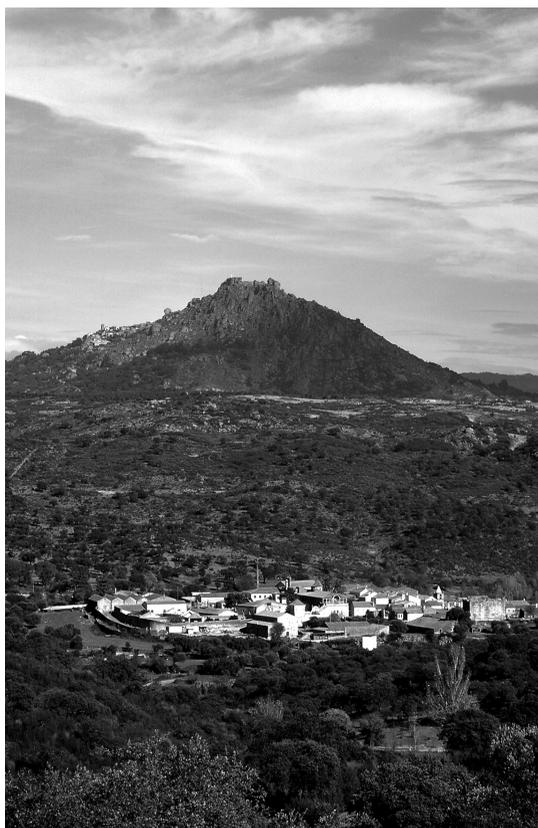


Figura 2. A actual aldeia de Idanha-a-Velha vista de sul e, ao fundo, o cerro de Monsanto (Foto: Danilo Pavone).

dominava o complexo forense e organizava a sua composição espacial interna, alguns troços de muros e certos alinhamentos, aflorando à superfície ou apresentando-se sob a forma de socalcos, denunciavam outras componentes construtivas e funcionais do principal recinto da cidade romana: as fundações de um pórtico nas traseiras do templo, restos de muros quadrangulares que suportariam possíveis escadarias laterais de acesso ao templo e um grande muro de suporte e contenção de aterro que delimitava o fórum (cuja área total rondaria os 76 x 34m) e o sobrelevava ainda mais em relação à restante malha urbana (Mantas 1993: 246-247 e 2006: 88-90; Cristóvão 2002: 12-13 e 2005: 194-197)¹ (Figs. 4 e 5).

¹ Continua por esclarecer se o plano deste fórum contemplava uma basílica. E se, a confirmar-se a sua presença, este edifício compunha desde logo o plano inicial augustano ou terá sido incorporado numa alegada reforma posterior; ou ainda, qual dos lados da praça a basílica terá ocupado: um dos lados menores, no lado oposto ao templo, ou um dos lados maiores, correndo em frente à praça?

No que concerne ao templo principal do fórum, Vasco Mantas começou por aventar a possibilidade deste ter sido consagrado a Vénus (Mantas 1993: 246-247). Posteriormente, reconsiderou a sua posição, tomando antes como mais plausível a sua vinculação a Júpiter (como tinha antes sido sugerido por Jorge de Alarcão 1988a: 39), passando também a situar os dois pequenos templos construídos por *C. Cantius Modestinus* (denunciados por inscrições a Vénus e a Marte) à entrada do fórum, no lado nascente (Mantas 1993: 246-248; 2002: 233). Um destes templetos, segundo Vasco Mantas, poderia mesmo revelar-se nas «ruínas de uma estrutura construída perpendicularmente ao muro principal do fórum, com uma soleira a cerca de 5 metros desse muro», observáveis no canto sudeste do fórum (Idem, *Ibidem*), e cujas dimensões poderiam ser semelhantes às do templo da Ponte de Alcântara (Mantas 2006: 89).

Uma cronologia flaviana, ou inscrita no último quartel do séc. I d.C. (ou já nos inícios do séc. II), associada a uma promoção municipal e baseada

fundamentalmente em algumas características construtivas e no modelo arquitectónico que este complexo forense reproduz, tem sido usualmente avançada nos últimos anos como a mais provável para a construção do forum cujas ruínas hoje se observam (Mantas 1993: 235 e 2006: 89-91; Cristóvão 2005: 196-197).

Porém, quer as questões de ordem construtiva, quer aquelas que se prendem com a data de construção do forum, só poderão ser esclarecidas através de escavações arqueológicas, se possível integradas numa intervenção em larga escala que temos em projecto para este monumento². À partida, outras questões existem, em grande parte permanecendo em aberto, que a escavação desta zona central de Idanha-a-Velha também poderá ajudar a resolver. Desde logo, se este lugar —entre um dos meandros do rio Pônsul— conheceu uma ocupação pré-romana, remontando eventualmente à Idade do Ferro, ou se, pelo contrário, a fundação da cidade dos *Igaeditani* foi feita de raiz (*ex nihilo*), num lugar até então vazio de povoamento. Depois, afigura-se igualmente importante procurar obter elementos que permitam precisar o momento dessa referida fundação e a própria natureza do estabelecimento desses primeiros tempos, cotejando, para o efeito, o registo estratigráfico a efectuar com o registo epigráfico conhecido. Por último, poderá procurar-se integrar o próprio momento de construção do forum (ou de outros momentos eventualmente distintos relacionados com os seus elementos constituintes; ou mesmo de um outro recinto público que poderá tê-lo antecedido e cujos alegados restos poderiam ainda encontrar-se subjacentes), no processo de promoção política e jurídica que se seguiu (desde a constituição da *civitas*, à atribuição do direito latino e/ou à outorga do estatuto municipal).

2. AS ESCAVAÇÕES NO FORVM (2007/08)

A generalidade das sondagens efectuadas revelaram uma sequência estratigráfica com contornos similares e que sugerem o seguinte: por um lado, a antiga intervenção promovida por Fernando de Almeida na área em redor da torre do castelo dos Templários, terá removido todos os níveis romanos de ocupação e de abandono (e, obviamente, também os níveis pós-romanos, tendo apenas ficado alguns ali-

² Projecto que gostaríamos de ver concretizado em colaboração estreita com a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova: autarquia que financiou já por completo as sondagens de 2007 e 2008. Aproveitamos o ensejo para agradecer em particular aos arqueólogos do município, José Cristóvão e Patrícia Dias, todo o inestimável apoio dispensado.



Figura 3. Torre do castelo dos Templários assente sobre o pódio do templo romano.

nhamentos de silhares visíveis hoje à superfície); por outro, aquilo que restará por escavar parece ser fundamentalmente um volumoso nível de aterro aqui depositado aquando da construção do forum, com o intuito de sobrelevar a área deste recinto em relação à malha urbana (Fig. 4). Com efeito, parece-os hoje claro que a intervenção de Fernando de Almeida se orientou principalmente no sentido de colocar a descoberto o pódio do templo romano / torre dos Templários e outros alinhamentos associados (Fig. 3). Para o efeito, terá procedido à remoção dos níveis de ocupação e destruição romanos e pós-romanos possivelmente peçados de materiais. Essa sua intervenção cessou logo que o pódio ficou liberto e observável e quando, simultaneamente, terá co-meçado a encontrar níveis de aterro por vezes praticamente estéreis em termos de espólio arqueológico.



Figura 4. Vista geral de noroeste da plataforma sobrelevada do forum, podendo-se observar a torre do castelo dos Templários (assente sobre o pódio do templo romano) (Foto: Danilo Pavone).

Ora, serão precisamente esses níveis de aterro romanos, contemporâneos do processo de construção do fórum, que se encontrarão ainda depositados sobretudo na sua metade ocidental. E esta enorme massa de terras aqui depositada no momento de edificação do fórum acaba assim por conter os materiais que circulavam (ou que já tinham sido abandonados) nessa data, constituindo assim um depósito arqueológico com elevado potencial informativo. Embora os materiais que estas terras contêm sejam muito escassos (certos níveis houve que se mostraram mesmo estéreis, o que nos levou a pensar que muitas dessas terras poderiam ser provenientes de um lugar exterior à cidade, sem ocupação), o conjunto de cerâmicas datáveis que mesmo assim foi possível reunir nesse volumoso aterro, acabou por se revelar suficientemente extenso e homogêneo, capaz de sugerir uma datação para esse mesmo processo de depósito de terras e construção do recinto forense.

Por sua vez, os materiais recolhidos nas sondagens 2, 4, 5 e 6, em níveis que antecedem imediatamente o processo de construção do fórum, também contribuem, como veremos, para reforçar essa referida proposta de datação. Com efeito, uma outra parcela das sequências estratigráficas (registada essencialmente nas sondagens 2, 5 e 6), inscreve-se numa fase imediatamente anterior à construção do fórum. Tal facto, desde logo, torna inquestionável a presença neste lugar de construções «pré-fórum» —construções que, tendo em conta os materiais associados, funcionaram até à época augustana, i.e., terão sido apropriadas e demolidas aquando da edificação do fórum—. Mas estas construções revelam também, por sua vez, que este centro monumental dos *Igaeditani* não se ergueu logo aquando da fundação do aglomerado populacional romano; nem tão pouco foi erguido —passados alguns anos depois dessa fundação— num lugar vazio de edifícios.

Com efeito, este fórum foi construído num dos lugares mais altos da cidade, no qual já havia outras construções. E estas construções mais antigas apresentam uma particularidade: foram erguidas com paredes em terra fundamentalmente taipa, mas também adobe (Figs. 5-7). Trata-se de um achado que consideramos merecer um particular destaque, na medida em que se trata de uma forma de construção romana raramente (ou mesmo nunca?) atestada em escavação nesta parte setentrional da *Lusitania*³, mas

³ Mas registada noutras paragens da Hispânia, como por exemplo em *Celsa* ou *Bilbilis*, no vale do Ebro, aonde o adobe se encontra documentado nas paredes em terra de algumas casas da fase inicial da cidade romana (Beltran Lloris; Martín Bueno, 1982: 149). Não deixaremos de aludir, porém, às

que se encontra referenciada para a *Hispania* nas fontes literárias antigas, mais concretamente quando Plínio as menciona, destacando a sua resistência⁴.

Não obstante a durabilidade destas paredes em terra, como se depreende da passagem de Plínio, julgamos que estas em particular só poderão ser entendidas como paredes interiores, devidamente abrigadas e a salvo, portanto, das agressões de agentes atmosféricos (sobretudo a chuva), uma vez que não apresentam nenhum soco em pedra que as protegesse da circulação de águas (apenas se identificou uma fiada de estreitas lajes de xisto a marcar aquilo que consideramos ser a linha da parede em contacto com o nível do chão). A sua largura relativamente reduzida (c. 0.36 m) também sugere esta função divisória. E dividiriam espaços provavelmente com funções distintas, a avaliar pelos chãos com diferentes características que se estendem de um lado e de outro da parede de sentido sul / norte⁵ (Fig. 8). Por sua vez, à resistência física destas paredes, que ainda hoje apresentam uma altura conservada de 0.90m, juntar-se-ia a inércia térmica da terra, permitindo assim resguardar o interior das áreas construídas dos rigores climatéricos. Por último, os troços rectos destas paredes de faces afagadas acabam por documentar a tecnologia tradicional de construção em taipa: no interior de taipais ou da forma em madeira, ter-se-á vertido (e apertada com um maço) terra argilosa, depois de ter sido previamente amassada com água e cascalho miúdo de xisto⁶.

A estas paredes, e concretamente ao compartimento com chão em terra batida, associa-se ainda uma lareira «decorada» com círculos impressos (com 8,5 cm de diâmetro) (Fig. 5 e 6). Estes círculos impressos (obtidos provavelmente a partir do bocal de um vaso) em lareiras e pavimentos são relativamente comuns nos castros da região do Minho, mas já em níveis de ocupação romana inicial, mais concreta-

dificuldades que existem na sua identificação em escavação, sobretudo quando se encontram rodeadas pelos seus próprios derrubes, como foi por vezes o caso em Idanha.

⁴ XLVIII. *quid? non in Africa Hispania que e terra parietes, quos appellant formaceos, quoniam in forma circumdatis ii utrimque tabulis inferciuntur verius quam struuntur, aervis durant, incorrupti imbribus, ventis, ignibus omnique caemento firmiores?* (Plínio, História Natural, Livro xxxv).

⁵ Para oriente desta parede encontramos um chão em argamassa relativamente consistente (aparentada com o *opus signinum*, dada a mistura de algum tijolo moído), enquanto que para ocidente, num compartimento com 4.60 m de largo, se observaram restos de um piso em terra batida.

⁶ Tecnologia, aliás, que ainda hoje se observa nos muros rurais tradicionais de algumas regiões da Beira Baixa (como na região de Ródão), constituídos por blocos paralelepípedicos com 90 cm de altura por 80 cm de comprimento e 30 cm de espessura (Henriques; Caninas 1992: 103).

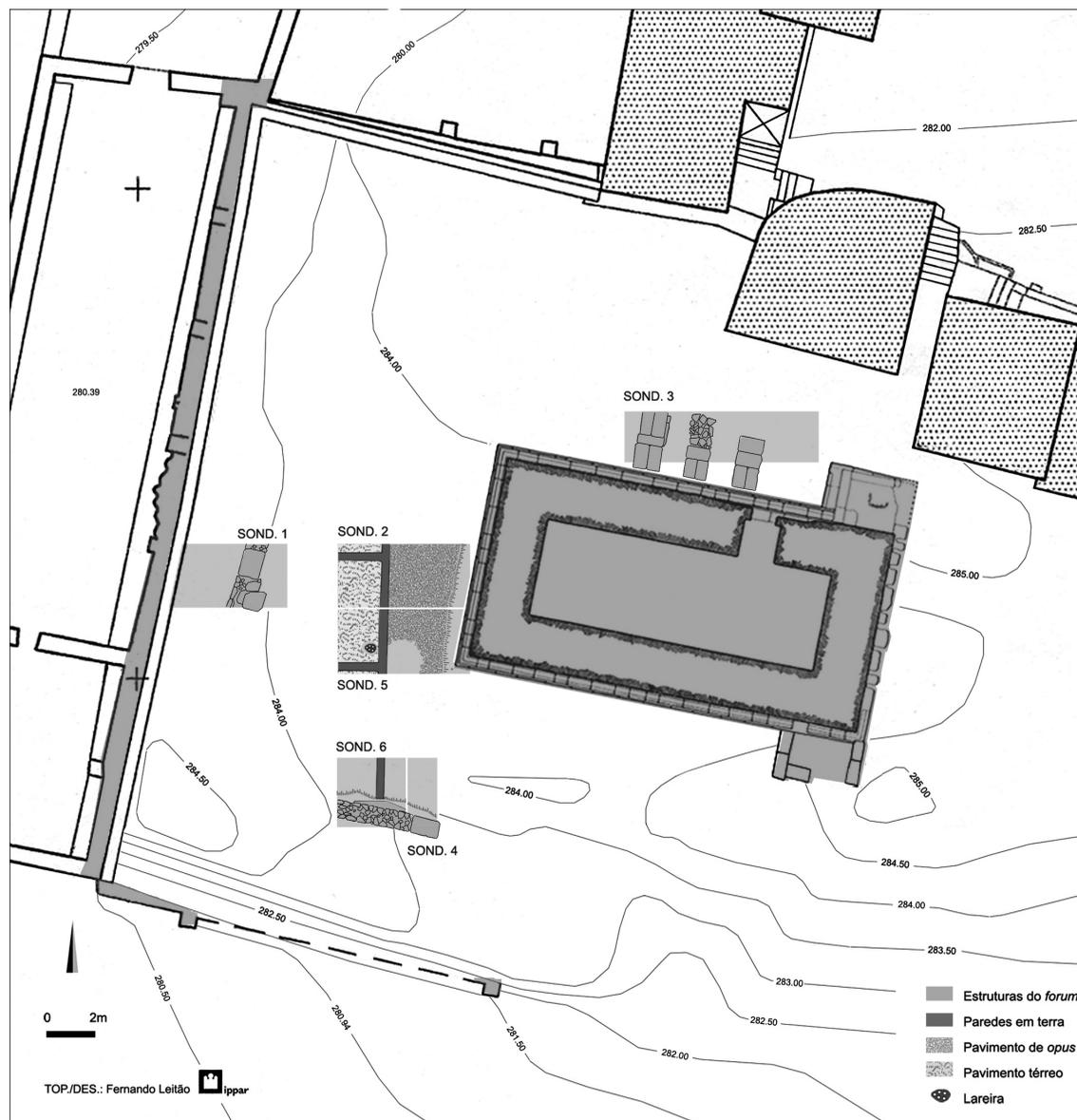


Figura 5. Área em redor do templo (metade ocidental do forum, na qual se observam hoje as estruturas romanas) com a implantação das sondagens efectuadas e das principais estruturas descobertas.

mente em contextos estratigráficos datáveis do séc. I a.C. (Martins 1988: 51 e 77-78). Também em Conímbriga, nos chamados «bairros indígenas» destruídos tanto aquando da construção do forum augustano, como depois pelo flaviano, se documentam estes círculos (com 7,2 cm de diâmetro) impressos em pavimentos de barro endurecido, datando duma fase imediatamente anterior à construção do primeiro forum (Alarcão; Étienne 1977: 20; Arruda 1988/89: 98). Embora o hábito de «decorar» com círculos os pavimentos de argila cozida (ou os lastros de barro

endurecido e enegrecido) surjam documentados em níveis de ocupação romana inicial, este parece também encontrar-se estreitamente associado a contextos sociais indígenas —inclusive, poderá corresponder a uma tradição com manifestações ao longo de toda a Idade do Ferro e com origens nos inícios do I milénio a.C.⁷.

⁷ Vejam-se, a este propósito, os motivos circulares impressos nos chãos das cabanas do Ferro Inicial do povoado da Cachouça —situado a poucos km de Idanha-a-Velha: Vilaça 2007: 69.



Figura 6. Paredes em terra (e respectivos troços derrubados) enquadrando a lareira formada por um lastro de barro (Sondagem 5).



Figura 7. Processo de identificação da interface vertical de uma das paredes em terra (Sondagem 2).

Ao atingirmos o substrato rochoso nas sondagens 2, 4, 5 e 6, esta primeira campanha de escavação também permitiu retirar outra ilação, ainda que necessariamente provisória. Aparentemente, ao menos neste lugar específico da colina cercada por um dos meandros do Pônsul, não se verificou uma ocupação anterior da II Idade do Ferro. A ser assim, a fundação da cidade dos *Igaeditani* terá sido feita de raiz (*ex nihilo*), num lugar até então não habitado. Com efeito, nas sondagens referidas, os níveis mais antigos por nós descobertos sobre a rocha base datarão já de um período romano (provavelmente tardo-republicano), constituindo antes importantes testemunhos dos primeiros tempos da fundação da cidade.

Para além das sondagens antes analisadas, outras duas foram abertas, importando agora dar conta resumidamente dos seus resultados (Fig. 5). Na Sondagem 1 observaram-se essencialmente níveis de aterro com uma cronologia de depósito idêntica à da construção do fórum (Fig. 9). Algum deste aterro era formado por uma acumulação de pedras soltas (seixos e pequenas lajes de xisto) —depósito propositadamente colocado para permitir uma melhor drenagem das águas pluviais a partir da praça do fórum (facto que se comprova, aliás, nas caleiras observáveis a meia altura da parede ocidental do terraço do fórum)—. Para além destes níveis, identificou-se ainda o alinhamento de um pórtico que ladeava o templo a ocidente, assim como a sua vala de fundação. Este alinhamento estrutural apresentava aqui as mesmas características construtivas observadas num outro interceptado pelas sondagens 5 e 6: a alternância de troços formados ora por largas lajes de xisto imbricadas ora por robustos blocos de granito sobrepostos, erguendo desse modo a linha do pórtico desde as fundações, e aproveitando-se certa-

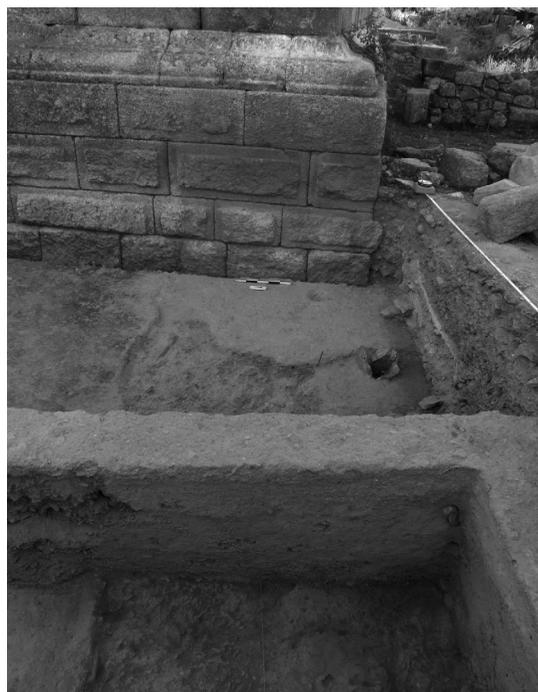


Figura 8. Sondagem 5: lareira, paredes em terra, pavimento em *opus* e vala de fundação da parede oeste do templo (vista a partir de oeste).

mente os silhares em granito para servir de assento à colunata⁸ (Fig. 10). Quanto à sua vala de fundação, por

⁸ O xisto e o granito coexistem nos elementos construtivos observados, sendo utilizados de acordo com as exigências da construção. Ambos constituem materiais de fácil aprovisionamento local, uma vez que a linha do rio Pônsul separa duas áreas com um substrato rochoso totalmente distinto: xisto para norte e granito para sul.

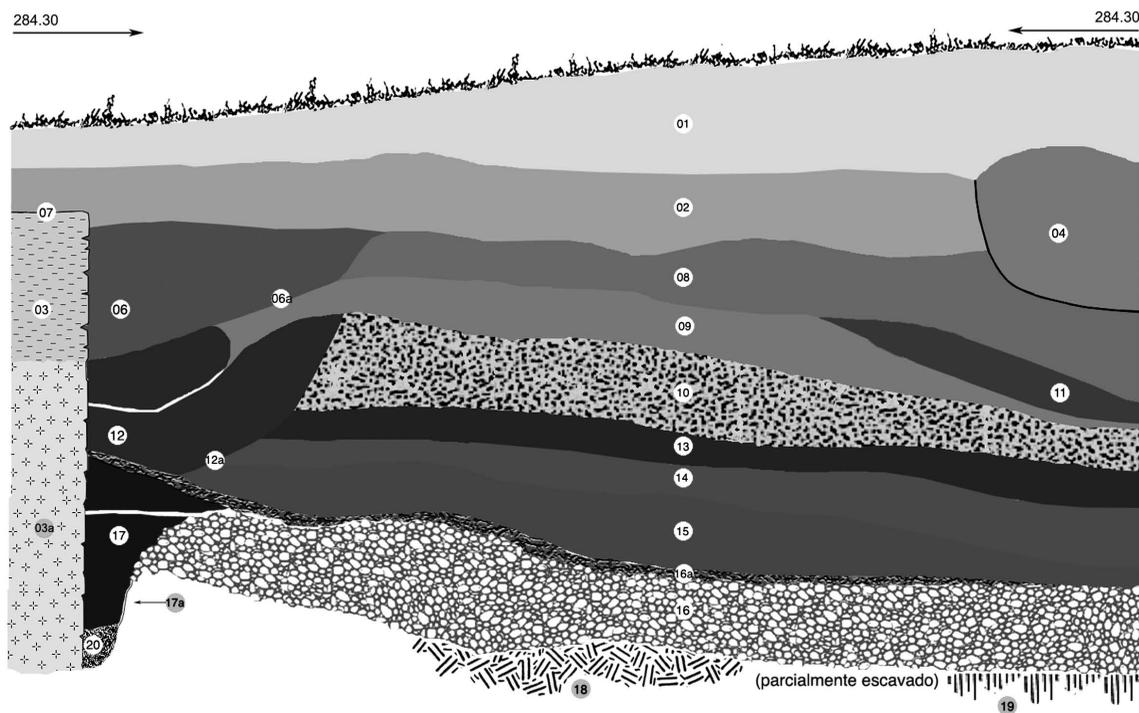


Figura 9. Corte estratigráfico (Sondagem 1, lado Sul) – sequência estratigráfica representada: UEs 01, 02, 04 e 05 = depósitos contemporâneos (séc. XX); UE 03/03a = alicerce do pórtico (troços, respectivamente, em xisto e granito); sucessão intercalada de níveis de aterro (UE 08, 09, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 18 e 19) enchimento de vala de fundação do pórtico (UE 06, 12, 17 e 20) e nível de obra (UE 16-a).

cortar os níveis de aterro, terá sido aberta depois desses níveis terem sido depositados. Em termos de cronologia relativa, à primeira vista, verifica-se que a construção do alinhamento do pórtico será posterior à colocação do aterro. Uma análise estratigráfica mais fina, porém, sugere que o depósito de aterro, a abertura do cabouco e a elevação do muro constituirão diferentes acções que se sucederam de forma contínua e intercalada (Fig. 9). Tratar-se-ão assim de processos aparentemente simultâneos, i.e., inserir-se-ão num processo conjunto de construção inicial do fórum — e a similitude dos materiais (sigilatas de tipo itálico e cerâmicas de paredes finas tardo-republicanas ou alto-imperiais), encontrados no aterro e no enchimento da vala, parecem corroborá-lo⁹. Na sondagem 3, por

⁹ De todo o modo, pelo facto das relações estratigráficas observadas nesta sondagem (e sobretudo nas sondagens 4 e 6) não serem totalmente claras, surgindo mesmo indicadores que parecem apontar em sentidos contrários, fica por agora em aberto a cronologia do pórtico que rodeava o templo.

sua vez, foi possível constatar que esta área a norte do pódio do templo já tinha sido intervenção por Fernando de Almeida (a posterior observação de uma fotografia dos arquivos da DGEMN veio também comprová-lo). Com efeito, a generalidade das camadas de terra identificadas foram depositadas nos anos 60 e 70 do séc. xx, contendo materiais (embora misturados com outros mais antigos) que claramente o demonstram¹⁰.

Perante o conjunto de materiais datáveis recolhidos em unidades estratigráficas cuja cronologia de depósito será contemporânea da edificação do fórum (referimo-nos concretamente ao aterro depositado para alisar e nivelar o terraço do fórum e também a

¹⁰ Refira-se que o substrato rochoso (xisto) neste lugar a norte do templo está a uma cota bem elevada, apenas a c. 0.40/0.60 m de profundidade em relação à cota actual de superfície, ao contrário do que se passa a ocidente do recinto, onde as profundidades da área a escavar poderão atingir cerca de 4 metros de altura.



Figura 10. Troço de alicerce do pórtico que rodeava o templo a ocidente, observando-se a alternância entre dois aparelhos construtivos diferentes, em granito e xisto (Sondagem 1).

um ou outro nível de obra do templo), parece-nos que poderemos claramente avançar com uma cronologia augustana para essa construção. E esta datação é extensível ao templo: tanto os referidos níveis de obra, como os níveis de aterro, encostam ao seu pódio e sobrepõem-se à respectiva vala de fundação (Figs. 11 e 12). E quando avançamos com esta proposta cronológica, como veremos, baseamo-nos fundamentalmente no conjunto de fragmentos de sigilata exclusivamente de tipo itálico e de cerâmica de paredes finas que recolhemos nesses contextos estratigráficos. Quanto à sequência estratigráfica pré-forum (incluindo as paredes em terra), estas parecem datar de um momento imediatamente anterior, integrando-se possivelmente, como antes sugerimos, nas primeiras duas ou três décadas pós-fundação da cidade. A continuada recolha nesses contextos do mesmo tipo de material (nomeadamente sigilata itálica e cerâmicas de paredes finas) observado nos níveis contemporâneos da instalação do forum, parecem claramente denunciar que este «espaço pré-forum» se manteve ocupado até à época augustana, sendo expropriado e demolido aquando do processo de construção do forum. A sustentar estas propostas

cronológicas encontra-se o conjunto de materiais recolhidos que apresentaremos em seguida de forma resumida (Figs. 13-15).

As cerâmicas de paredes finas, e concretamente aquelas 7 peças que são classificáveis em termos formais, serão todas produções da Etrúria (Fig. 13). Destacam-se também em termos cronológicos por 6 delas apresentarem uma cronologia de fabrico antiga, podendo remontar ao período tardo-republicano (ou mesmo ao período republicano). Assim, a forma melhor representada, i.e., a forma Mayet IIIB, terá sido produzida entre o segundo quartel do séc. I a.C. e a época de Augusto, enquanto que a forma Mayet IC poderá recuar ao último quartel do séc. II a.C., continuando, porém, a produzir-se até aos últimos decénios do séc. I a.C. A forma Mayet XIV, será um pouco mais recente, sendo-lhe habitualmente atribuída uma cronologia de fabrico entre 20 a.C. e 15-20 d.C.

Quase todas elas foram recolhidas num possível nível de circulação anterior (imediatamente anterior) à construção do forum (Sond. 4, UE 13; Sond. 6, UE 11; apenas uma foi recolhida num nível de aterro contemporâneo da construção do forum – Sond. 5, UE 05). Estas peças, assim como o seu contexto estratigráfico de achado, poderão documentar o período tardo-republicano da capital dos *Igaeditani*, prolongando-se até às primeiras décadas do alto-império; poderão assim recuar e aproximar-se do momento da fundação oficial desta cidade. Por sua vez, se este nível de circulação é imediatamente anterior à construção do forum, i.e., se esteve operacional e sobreviveu até ao momento de construção deste edifício público, então poderemos perspectivar a forma Mayet XIV como um *terminus post quem* e, articulando-a com a cronologia dos restantes materiais datáveis, atribuir a este contexto de construção do forum uma cronologia augustana.

Com efeito, se cruzarmos a cronologia das cerâmicas de paredes finas com a das sigilatas documentadas (cerca de 4 dezenas de fragmentos), observamos que essa cronologia genericamente augustana sai reforçada, face à presença exclusiva de sigilata de tipo itálico em níveis de aterro (e obra) com uma cronologia de depósito idêntica à da construção do principal edifício público da cidade (sigilata itálica que volta a surgir em exclusivo nos níveis de ocupação / abandono da área edificada erguida com paredes em terra). As formas representadas (Conspectus, 4, 11, 14, 18, 31/33 e 22, sendo esta última a mais frequente), começaram a ser produzidas e a circular na última ou penúltima década do séc. I a.C., podendo o seu uso ser ainda habitual nas primeiras duas décadas do séc. I d.C. (Fig. 14). As duas marcas de oficina documentadas,

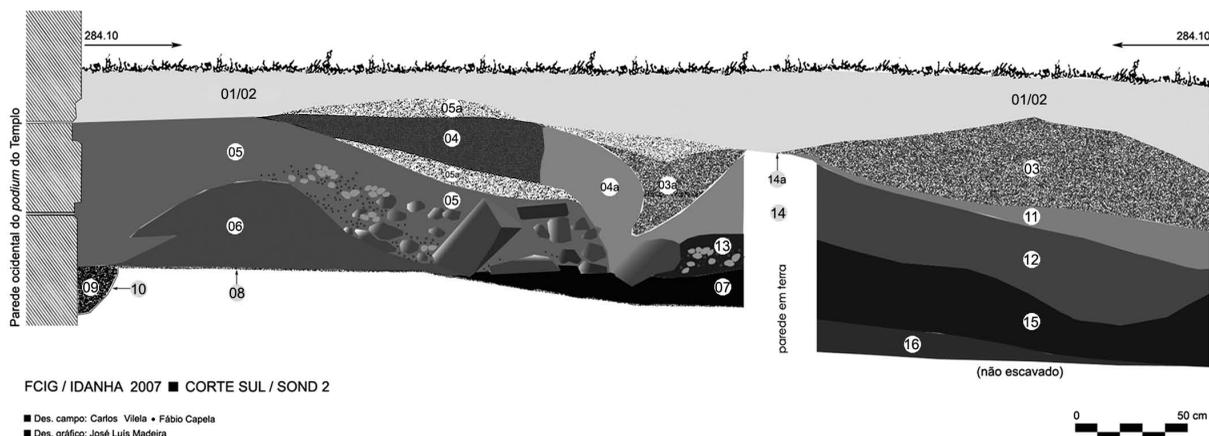


Figura 11. Corte estratigráfico (Sondagem 2, lado Sul) – sequência estratigráfica representada: UEs 01 e 02 = nivelamento contemporâneo (séc. XX); UE 03 e 11 = níveis de destruição da parede em terra; UE 05-a = nível de obra contemporâneo da construção do templo; UEs 04, 05, 12, 13 e 15 = aterro contemporâneo da construção do templo, por vezes misturados com níveis de destruição da parede em terra; UEs 07 e 16 nível de ocupação / abandono da estrutura formada por paredes em terra; UE 09 e 10 = vala de fundação da parede oeste do templo; UE 08 = pavimento em *opus*; UE 14 = parede em terra.

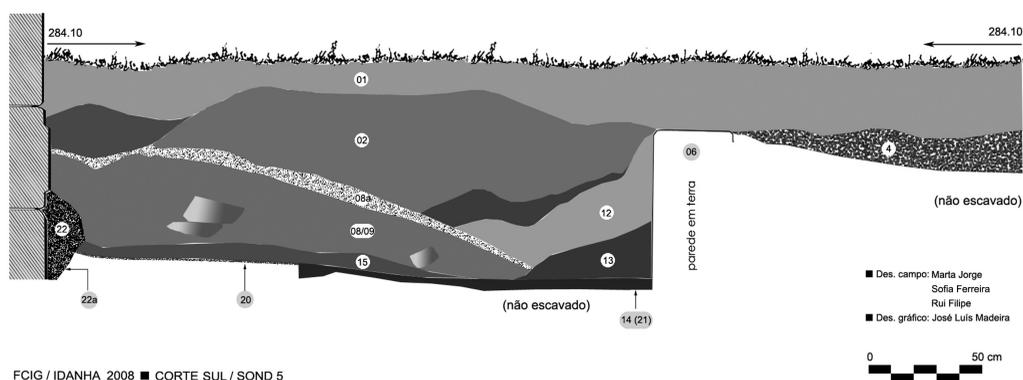


Figura 12. Corte estratigráfico (Sondagem 5, lado Sul) – sequência estratigráfica representada: UEs 01 = nivelamento contemporâneo (séc. XX); UE 02 e 04 = aterro contemporâneo da construção do templo; UE 12 = níveis de aterro ou de destruição da parede em terra (?); UE 08-a = nível de obra contemporâneo da construção do templo; UE 08/09 = aterro contemporâneo da construção do templo; UE 13 = nível relacionado com o abandono da estrutura com paredes em terra; UE 22/22-a = vala de fundação da parede oeste do templo; UE 15 = nível de ocupação / abandono da estrutura com paredes em terra; UE 14/21 = nível contemporâneo da ocupação da área construída delimitada por paredes em terra e com pavimento em *opus*; UE 20 = pavimento em *opus* (cortado); UE 06 = parede em terra.

por sua vez, também parecem colocar estas produções nos primeiros anos do séc. I d.C. (Fig. 15) – uma, em cartela rectangular, é de *Naevius*, oleiro estabelecido em Putéolos entre c. 1 e 20 d.C. (cfr. OCK, 2000, p. 296, nº 1232); a outra, em cartela circular, é de *Ianuaris*, oleiro da Itália Central, com uma actividade situada entre 10 a.C. e 15 d.C. (cfr. OCK, 2000, p. 252, nº 961). Por último, fragmentos de lucerna, presentes nos níveis arqueológicos em análise, e um ou outro de ânfora, aparentemente do tipo Haltern 70, parecem também integrar-se no quadro temporal definido pelas sigilatas e cerâmicas de paredes finas.

Poder-se-á argumentar que estes materiais fornecerão unicamente um *terminus post quem*. Mas ao revelarem-se como um conjunto cronologicamente muito homogéneo e coerente, tendo sido recolhido em contexto estratigráfico selado, o qual associamos à formação do terraço do fórum e à construção do seu principal templo (e também ao abandono da estrutura pré-fórum), este reportório de peças não pode deixar de remeter para a época augustana. Assim sendo, a datação agora avançada afasta-se da «cronologia flaviana» que habitualmente tem sido proposta para a construção deste fórum. Trata-se, assim, de uma

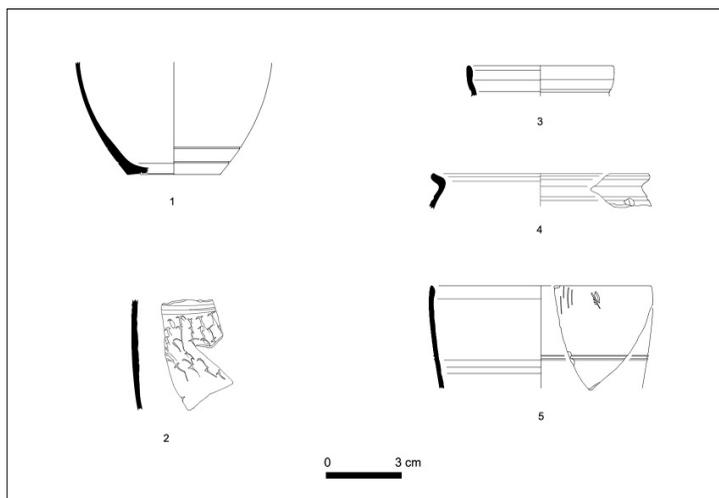


Figura 13. Alguns dos fragmentos de «cerâmica de paredes finas» recolhidos num nível de ocupação / abandono (Sond. 4, UE 13) da estrutura com paredes em terra – demolida aquando da construção do fórum: 1. forma Mayet IIIB (?); 2. forma Mayet IC(?); 3. forma Mayet IIIB; 4 forma Mayet IIIBb; forma Mayet XIV.

proposta cronológica nova, fundamentada pela primeira vez no registo estratigráfico, e que coloca a construção deste fórum dos *Igaeditani* num momento inicial de eleição do lugar como capital de *civitas*, com um vasto *territorium* delimitado por *termini Augustales*. Todavia, ainda que o templo e o terraço que conhecemos tenham sido construídos no período augustano, tal não impede que o fórum tenha conhecido reformas posteriores, eventualmente associadas a um momento de promoção municipal, nos finais do séc. I d.C. Ou seja, pertencentes a uma fase mais avançada, poderão vir a ser encontrados restos de outros elementos constituintes deste conjunto fórense, como sejam uma suposta basílica (e outros espaços porticados) ou mesmo os alegados templetes situados do lado oposto ao templo.

Acrescente-se ainda que nestes níveis formados nos primeiros tempos da cidade, o volume de materiais romanos (sigilata itálica e cerâmica de paredes finas) com uma cronologia tardo-republicana e alto-imperial é relativamente expressivo. A avaliar pelo que se documenta nas sondagens que efectuámos, o fabrico de sigilata de tipo itálico e as produções mais antigas de paredes finas, ao contrário do que se pensava (Mantas 2006: 86), não apresentam uma fraca representação em Idanha-a-Velha. Tal parece significar que, pelo menos a partir das últimas duas décadas do séc. I a.C., a capital dos *Igaeditani* encontrar-se-ia já relativamente bem integrada nos mecanismos de funcionamento do Império, mais concretamente nos seus circuitos comerciais estruturan-

tes, podendo assim apresentar um apreciável contingente populacional não exclusivamente indígena, tal como algum desenvolvimento urbanístico.

3. SÍNTESE ACERCA DOS PRIMEIROS TEMPOS DA *CIVITAS IGAEDITANORVM*

Façamos agora uma breve resenha dos primeiros tempos de *Igaeditania*, com base na articulação dos elementos habitualmente referenciados com os resultados das nossas recentes escavações.

De uma época que, em termos genéricos, poderemos conotar com a Idade do Ferro conhecem-se alguns materiais avulsos achados em Idanha-a-Velha: destacam-se as cerâmicas pintadas (eventualmente relacionáveis com o mundo ibérico), contas de pasta de vidro policromas e um pendente de tipo «sanguessuga» (habituais em contextos da Idade do Ferro) (Almeida; Ferreira 1964: 95-99, Est. I e II; Vilaça 2005: 19, nota 5). Por seu lado, nas escavações de 2007 e 2008, recolhidos nos contextos estratigráficos mais antigos da área do fórum, foram contabilizados cerca de uma dezena de fragmentos cerâmicos que claramente se distinguem de todos os outros face às suas particulares características tecnológicas de fabrico: pastas grosseiras, muito micáceas, e superfícies decoradas com estreitas bandas pintadas (umas a branco/bege, talvez sobre engobe vermelho, e outras a vermelho sobre superfície alaranjada). No entanto, embora estas cerâmicas pintadas sejam

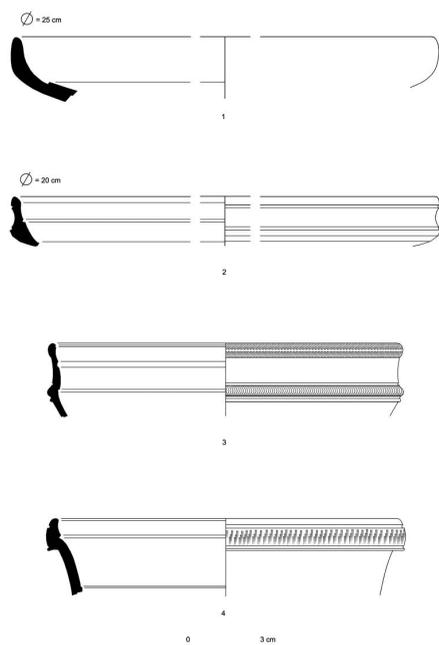


Figura 14. Alguns dos fragmentos de *terra sigillata* que sustentam a cronologia augustana para a construção do forum: 1 (Sond. 2, UE 05) – Consp. 4.3; 2 (Sond. 6, UE 11) – Consp. 18; 3. (Sond. 4, UE 13) – Consp. 22.1; 4. (Sond. 5, UE 02) – Consp. 14.

claramente produções de «feição indígena», tal não significa que não possam ter sido já produzidas (e utilizadas) em período tardo-republicano, isto é, já numa fase inicial de ocupação romana do local. Estas cerâmicas poderão simplesmente documentar um fabrico de «tradição indígena, pré-romana», ainda produzido (ou em uso?) numa fase já de ocupação romana (tardo-republicana) do local¹¹.

A dificuldade em associar estas produções a uma alegada ocupação pré-romana de Idanha-a-Velha, é avivada ainda mais pela ausência de contextos estratigráficos seguros desta outra fase. Com efeito, quando abordamos esta questão dos níveis estratigráficos, não há qualquer registo do aparecimento de contextos proto-históricos nas diversas intervenções feitas até ao momento em Idanha-a-Velha. Também nas escavações que dirigimos estes níveis não apareceram. Mesmo os contextos mais antigos identificados na área do forum, não obstante as características particulares da

¹¹ A cronologia de fabrico destas produções fica assim em aberto, dependente da continuidade das escavações e do seu achado em contextos estratigráficos mais expressivos. Seja como for, não podemos deixar de referir que as cerâmicas pintadas mediante bandas horizontais de cor vermelho vinho surgem habitualmente referidas para os povoados do Ferro Pleno da região confinante da Alta Extremadura espanhola (Martín Bravo 1999: 238-239).

lareira (formada por um lastro de barro com alguns círculos impressos) associada ao edifício com paredes divisórias em terra, não permitem com segurança recuar a ocupação deste lugar para uma época pré-romana. É certo que, como anteriormente mostrámos, não se detectaram quaisquer indicadores que permitissem apurar a cronologia de construção deste primitivo edifício e respectiva lareira. Mas nada de consistente, antes pelo contrário, nos permite recuar a sua cronologia de construção à segunda da Idade do Ferro. Nem tão pouco poderemos inferir um antigo povoado a partir de dois tesouros monetários referenciados para Idanha-a-Velha (Faria 1991-1992: 121), datados até 100 a.C., desde logo porque estes não foram achados na actual aldeia (como por vezes é sugerido), mas sim no seu termo ou proximidades (Hipólito 1960-61: 70; Villaronga 1980). A única evidência cronológica segura —perante o tipo de materiais que encontrámos nos níveis de ocupação deste edifício— é aquela que revela o seu funcionamento na fase inaugural de ocupação romana do local. E muito provavelmente —face a alguns fragmentos de sigilata e de paredes finas recolhidos nesses mesmos níveis de ocupação— terá funcionado até ao momento em que o forum foi construído, tendo então sido demolido no quadro do processo de monumentalização do centro urbano da cidade.

Em suma, nas escavações de 2007/08 não foi possível identificar qualquer contexto estratigráfico que remontasse a uma época pré-romana. Pelo menos na zona da colina onde em época augustana foi erguido o forum, não se identificou nenhum nível estratigráfico anterior à ocupação romana do lugar. Mas tal não significa forçosamente que estes nunca tenham existido ou que não existam noutros lugares da área posteriormente ocupada pela capital de *civitas*. Como vimos, alguns materiais isolados achados em Idanha-a-Velha parecem sugerir uma ocupação do lugar na Idade do Ferro. Escassos fragmentos cerâmicos recolhidos nas nossas escavações também permitem levantar essa possibilidade. Mas estes materiais são de tal forma escassos e sobretudo ambíguos sob o ponto de vista cronológico, e o seu contexto de achado tão impreciso, que não permitem recuar com segurança a ocupação deste lugar nas margens do rio Pônsul para um momento claramente anterior ao séc. I a.C. Assim sendo, uma fundação romana de raiz (*ex nihilo*) para este sítio, já no decurso do séc. I a.C., continuará a ser a mais credível das hipóteses que por enquanto poderemos sustentar.

Seja como for, no quadro da ocupação romana efectiva desta região, a fundação deste núcleo po-

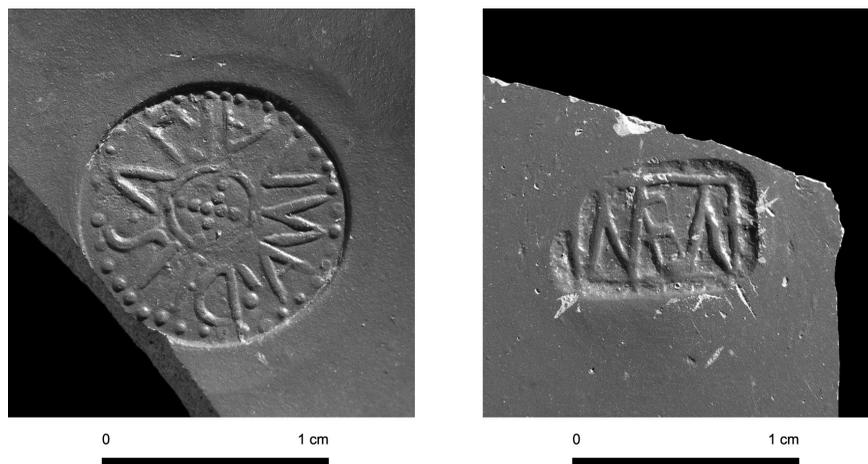


Figura 15. Marcas em *terra sigillata* de tipo itálico das oficinas de *Ianuanrius* e *Naevius*.

pulacional terá ocorrido numa data que poderemos considerar recuada. Provavelmente, como propôs Vasco Mantas (1988: 418-420; 2006: 56-59), terá sido fundado por *C. Norbanus Flaccus*, em torno de 35 a. C., na sequência da *dedutio* da *colonia Norba Caesarina* (Cáceres). Neste momento fundacional, antes mesmo de se constituir como *civitas*, poderia assumir-se como *vicus*, sobretudo se este termo for entendido não como um aglomerado populacional secundário, mas sim como um núcleo de carácter oficial, resultante de uma decisão institucional, levada a cabo num momento muito inicial de ocupação e estruturação do território¹². E será precisamente nesta fase, voltando agora ao nosso registo arqueológico, que se poderá inscrever o edifício com paredes em terra, demolido algumas décadas volvidas, já nos inícios do alto-império, aquando da construção do forum; estes serão, portanto, os restos da construção mais antiga que até ao momento se conhecem em Idanha-a-Velha.

Restará saber, contudo, se antes mesmo da fundação deste pequeno centro populacional não existiria já no local um primitivo estabelecimento romano. Se assim fosse, seria provavelmente de natureza militar, relacionado ainda com o processo de conquista e pacificação destes territórios a norte do Tejo. Começemos por lembrar que os tesouros monetários achados nesta zona (nas proximidades de Idanha e Penha Garcia), datados genericamente dos últimos anos do séc. II a.C., ocultados eventualmente por

¹² Veja-se a tese de Michel Tarpin (2002) e o entendimento que este autor faz do *vicus*, enquanto instrumento de colonização.

militares nas vésperas de contendas com os povos indígenas, poderão documentar essa mesma presença e, assim sendo, documentá-la num contexto de incursões militares romanas bem recuadas¹³.

E esta suposta presença poderá ter-se verificado nas décadas seguintes, embora nada de concreto tenha sido até agora identificado no terreno¹⁴. Recordemos também que, a partir de 61 a.C., com as investidas que César dirigiu contra o *mons Herminius* (Díon Cássio, XXXVII, 52-55), a actual região da Beira Interior terá entrado definitivamente na directa esfera dos interesses do poder político e militar romano. Aliás, as campanhas de César contra os Lusitanos poderão ter-se desenvolvido a partir dos acampamentos de Cáceres (Alarcão 1988b: 44-46), avançando eventualmente por um corredor natural —mais tarde seguido e marcado pela estrada imperial— que se dirigiria para norte, em direcção ao

¹³ Também um tesouro de prata, composto por braceletes, torques e fíbulas (associado com denários republicanos), achado em Monsanto, aldeia vizinha de Idanha-a-Velha, e ocultado possivelmente também nos finais do séc. II ou inícios do séc. I a.C., poderá relacionar-se com uma «importante frente de conquista romana instalada nestas paragens» (Fabião 2004: 68-69).

¹⁴ Algumas operações no âmbito das guerras sertorianas poderão ter por aqui ocorrido (como é sugerido pelo achado de alguns tesouros monetários nesta região), mas tal hipótese não pode fundamentar-se na associação entre Medelim, também aldeia vizinha de Idanha-a-Velha, através do seu étimo *Metellinum*, com um possível acampamento do procônsul da Ulterior Quinto Cecílio Metelo Pio (Alarcão 1999) e muito menos a partir do achado precisamente em Idanha-a-Velha de um denário cunhado nesta época em *bolskan* (sobre os tesouros monetários ocultados no ocidente da *Hispania*, e nesta região em particular, durante as guerras sertorianas, cf. Ruivo 1997: 92-93 e 97).

planalto da Guarda, passando antes precisamente pela área da actual Idanha-a-Velha. Ou então, poderia também ter sido este mesmo percurso que foi seguido pelo propretor da Ulterior, Q. Cássio Longino, na década de 40 da primeira centúria a.C., quando do ataque a regiões montanhosas situadas mais a norte, como seja a capital dos *Meidubrigenses* (na actual área de Numão) e o *mons Herminius*. Deste contexto de operações militares romanas, contudo, não existem quaisquer indícios, continuando por apurar se a futura cidade dos *Igaeditani* terá anteriormente sido lugar de estacionamento militar.

Regressemos, porém, à cidade, e ao período que imediatamente se seguiu à sua fundação. A presença de um outro edifício público encontra-se depois de algum modo denunciada pela epígrafe mais antiga conhecida nesta *civitas*. Trata-se da conhecida inscrição de carácter comemorativo, datada de 16 a.C., feita num tipo de pedra não existente na zona, que assinala a oferta de um relógio de sol (*orarium*) por um cidadão em representação da *colonia Emeritensis* aos *Igaeditani*, por sua vez representados neste acto solene e oficial pelos quatro *magistri* locais. Talvez esta inscrição, e o relógio público que atesta (o qual, doravante, regularia a hora da cidade de acordo com o disposto na capital provincial), estivessem colocados num «primitivo forum», construído aquando da fundação da pequena cidade, ainda em época pré-augustana. Deste alegado edifício, porém, não se conhecem quaisquer vestígios, nem tão pouco o poderemos localizar no mesmo lugar onde anos mais tarde foi erguido o forum que hoje conhecemos. De todo o modo, e voltando à oferta solene do relógio de sol, o que se encontra subjacente a este acto encerrará ainda um significado bem mais profundo na história da cidade: referimo-nos ao início de uma nova etapa, marcada pela clara assumpção da capitalidade e pelo estreitar dos laços com a sede provincial, *Emerita Augusta* (Mantas 1988: 421-423; Étienne 1992: 359-362; Saa 2008: 61 e 181-182). Esta *civitas* assumir-se-ia assim como um dos primeiros centros político-administrativos da recém-criada *provincia Lusitania*. Nestas últimas duas décadas do séc. I a.C. a capital dos *Igaeditani* veria reforçado o seu papel enquanto posto avançado da administração provincial nesta região a norte do Tejo.

Mas seria apenas nos primeiros anos da nova Era que a *civitas Igaeditanorum* se constituiria verdadeiramente como tal. Por um lado, delimitou-se o seu vasto *territorium* com a colocação no terreno de vários *termini augustales* —dos quais se conhecem, para norte, os de Peroviseu e de Salvador, data-

dos entre 4 e 6 d.C. (Alarcão; Étienne 1976: 175-176)—. Por outro, ter-se-á monumentalizado a sua capital —processo que terá implicado a construção do (novo) forum dos *Igaeditani*, não no centro mas num dos pontos mais elevados da área urbana—. Com efeito, e como vimos, os materiais datáveis recolhidos e estreitamente relacionados com a construção do forum, não só permitem datar seguramente este centro monumental genericamente da época de Augusto (como, aliás, tinha sido aventado inicialmente por Fernando de Almeida 1970: 134-139; 1977: 41), como sugerem mesmo a sua inscrição precisa nos primeiros anos do séc. I d.C., sendo muito provavelmente contemporâneo da delimitação do *territorium* desta *civitas peregrina*. Os anos 4/6 d.C., deste modo, constituirão anos absolutamente decisivos no processo de plena integração da *civitas Igaeditanorum* no quadro da organização política do Império —já anunciada, aliás, por uma outra epígrafe (achada em Idanha-a-Velha) que atesta uma consagração imperial, datada do ano 3 (ou inícios de 4 d.C.), gravada em honra de *Caius Caesar* (então herdeiro de Augusto) (Mantas 1988: 423; 2006: 59-61; Saa 2008: 59 e 192) (Fig. 16).

A ser assim, ao situarmos a decisão e o início da construção do fórum entre os anos 4 e 6 d.C., estaremos em presença de uma situação paradigmática, perante a qual cidade e território, enquanto componentes fundamentais de uma *civitas (respublica, territorium e populus)*, se planeiam e estruturam simultaneamente. Ao mesmo tempo que a delimitação territorial da *civitas* dos *Igaeditani* e a construção do seu forum acabarão por testemunhar um processo concertado de reorganização política provincial de alcance mais vasto (e talvez com semelhantes contornos), como é sugerido por outros *termini* (datados de 5/6 d.C.) encontrados tanto mais a norte, noutra zona das Beiras, como para nordeste, na área de Salamanca (Le Roux 1994: 48-49).

Estes terão sido anos marcantes no processo de aceleração histórica em curso. Terá sido sobretudo a partir deste momento que o então (agora) *oppidum stipendiarium* se desenvolveu. Aliás, especialmente a partir de então, a extensa *civitas Igaeditanorum* poderá mesmo ter passado a actuar como intermediária privilegiada entre a capital provincial e conventual sediada em *Emerita* e as pequenas *civitates* rurais entretanto criadas mais a norte, constituindo o principal centro administrativo e económico da zona e com uma capacidade de actuação que a determinados níveis poderia mesmo ultrapassar —ao menos numa fase inicial de ocupação do território — as fronteiras da própria *civitas* (Fig. 17)—. Ora, esta impor-



Figura 16. Inscrição dedicada pela *civitas Igaeditanorum* a Caio César, filho de Augusto, datada de 3-4 d.C.

tância estratégica da *civitas Igaeditanorum* justificaria mesmo uma maior proximidade e investimento por parte da capital provincial, tanto no processo de urbanização da sua capital, como no processo de formação e consolidação das elites locais. Importância estratégica essa que, por sua vez, ainda seria reforçada pelo facto do seu *territorium* ser particularmente favorecido em recursos mineiros, sobretudo de natureza aurífera (Sánchez-Palencia; Pérez García 2005: 267-307; Carvalho 2007: 102-103 e 350-353).

No decorrer do séc. I d.C., o lugar de destaque que é ocupado pela *civitas Igaeditanorum*, e que desde logo se revela pelo seu notável e incomparável conjunto epigráfico (Sá 2008), poderá ainda traduzir-se no facto de ser a única *civitas* nesta região da Beira Interior —segundo opinião de Ortiz de Urbina (2000: 150-151, 174 e 243)— a adquirir um estatuto municipal sustentado por uma carta constitucional própria¹⁵. A atribuição do título de *municipium Latinum*

¹⁵ Como parecem sugerir as referências epigráficas a pelo menos um liberto público da cidade —chamado *Flavius Ariston*— e a um outro indivíduo que terá pertencido à *equester ordo*, ou ainda a presença de uma inscrição ao *Genius Municipii* referenciada por Mantas 1998: 372. Sobre a evolução do estatuto urbano de *Igaeditania*, e para a possibilidade da concessão do direito latino na época claudiana e do título municipal nos finais do séc. I d.C., cf. Mantas 2006: 68 e ss.

durante a dinastia dos Flávios, marcará uma nova etapa de desenvolvimento da *civitas* —processo este que poderá ter atingido o seu auge no reinado de Trajano, alimentado em parte pelos dividendos resultantes das suas explorações do ouro em larga escala e marcado pela inauguração em 105 da imponente ponte de Alcântara (*CIL* II 760) num dos seus limites territoriais voltado a *Emerita*—. Os reflexos deste desenvolvimento, e da correlativa promoção municipal, ter-se-ão reflectido no cenário urbano, mas também poderão ter-se feito sentir no próprio fórum augustano, não mediante a total ou substantiva reconversão do complexo forense original, mas antes com a incorporação pontual de novos elementos construtivos. Com efeito, hoje poderemos afirmar que a substituição literal de um fórum por outro (como aconteceu, por exemplo, em *Conimbriga*) não ocorreu —da época de Augusto datam o templo que conhecemos e o grande muro de contenção de aterro que na parte poente podemos observar a delimitar o recinto—. Mas, porventura, nas últimas décadas do séc. I d.C., poder-se-ão ter (re)construído os espaços porticados (incluindo a basílica) que circundavam a praça pública (e o próprio templo), ou mesmo os dois templetos sugeridos por Vasco Mantas (e até as escadarias laterais de acesso à plataforma na

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, Jorge de 1988 a: *Roman Portugal*, vol. II, fasc. I (Porto, Bragança & Viseu), Warminster.
- Alarcão, Jorge de 1988 b: «Os Montes Hermínios e os Lusitanos», *Homenagem a Orlando Ribeiro*, vol. 2, 41-47.
- Alarcão, Jorge de (coord.) 1990: *Portugal das origens à romanização*, Lisboa, Ed. Presença.
- Alarcão, Jorge de (1998): «On the *civitates* mentioned in the inscription on the bridge at Alcântara», *Journal of Iberian Archaeology* vol. 0, Porto, ADECAP, 143-157.
- Alarcão, Jorge de 1999: «Os arredores das cidades romanas de Portugal», *Archivo Español de Arqueología* 72, CSIC, Madrid, 31-37.
- Alarcão, Jorge de 2000: «Os nomes de algumas povoações romanas da parte portuguesa da Lusitânia», *Sociedad y cultura en Lusitania romana* (IV Mesa Redonda Internacional), Mérida, 165-172.
- Alarcão, Jorge de 2001: «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 293-349.
- Alarcão, Jorge de 2004: «Da Idade do Bronze Final ao Período Suévico no distrito de Castelo Branco», *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco, 47-53.
- Alarcão, Jorge; Étienne, Robert 1976: «Le Portugal à l'époque augustéenne», *Symposium de ciudades augusteas*, Zaragoza, 171-187.
- Alarcão, Jorge; Étienne, Robert [Dir.] 1977: *Fouilles de Conimbriga I* (L'architecture), Paris.
- Almeida, Fernando de 1956: *Egitânia. História e Arqueologia*, Faculdade de Letras, Lisboa.
- Almeida, Fernando de 1964: «Antiguidades da Egitânia. Alguns achados dignos de nota», *Arqueologia e História* 8.ª série, vol. XI, Lisboa, 95-101.
- Almeida, Fernando de 1970: «Templo de Vénus em Idanha-a-Velha», *Actas e Memórias do I Congresso de Arqueologia* vol. 2, Lisboa, 133-139.
- Almeida, Fernando de 1977: «As ruínas romanas e visigóticas de Idanha-a-Velha», *Anais da Academia Portuguesa de História* 24 (2), 2.ª série, Lisboa, 39-57.
- Almeida, Fernando de; Ferreira, Octávio da Veiga 1964: «Antiguidades da Egitânia», *Arqueologia e História* 11, 8.ª série, Lisboa, 93-101.
- Almeida, Fernando de; Ferreira, Octávio da Veiga 1966: «A estratigrafia observada no local de *Balnearium* lusitano-romano da Egitânia», *Revista de Guimarães* vol. LXXVII (1-2), Guimarães, 109-116.
- Arruda, Ana M. 1988/89: «Conímbriga: escavações de 1988/89. 1 – Algumas precisões sobre a cronologia do bairro indígena», *Portugália* vol. IX-X, nova série, Porto, 93-100.
- Beltran Lloris, Miguel; Martin Bueno, Manuel 1982: «Bilibilis e Celsa, dos ejemplos de ciudades romanas en el Aragón antiguo», *Caesaraugusta* 55-56, Zaragoza, 143-166.
- Carvalho, Pedro C. 2005: «Identificação e representação espacial das capitais de *civitates* da Beira Interior», *Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI / ARA, Guarda, 155-169.
- Carvalho, Pedro C. 2007: *Cova da Beira – ocupação e exploração do território na época romana*, Conímbriga – Anexos 4, Ed. Câmara Municipal do Fundão e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Cristóvão, José 2002 a: *As muralhas romanas de Idanha-a-Velha*, Coimbra (dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra).
- Cristóvão, José Luís 2002 b: *A aldeia histórica de Idanha-a-Velha. Guia para uma visita*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- Cristóvão, José 2005: «Breve estudo sobre a organização do espaço público e os equipamentos urbanos da cidade romana de Idanha-a-Velha (dos finais do século I a.C. ao limiar do século IV)», *Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI / ARA, Guarda, p. 189-204.
- Étienne, Robert 1992: «L'horloge de la *civitas Igaeditanorum* et la création de la province de Lusitanie», *Revue des Études Anciennes* 94 (3-4), 355-362.
- Fabião, Carlos 2004: «O tesouro de prata de Monsanto da Beira, Idanha-a-Nova», *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior, MFTPJ, Castelo Branco*, 62-72.
- Faria, António Marques 1992: «Achados monetários em Idanha-a-Velha», *Nummus* 14/15, 2.ª série, Porto, 121-149.
- Hauschild, Theodor 2002: «Templos Romanos na Província da Lusitânia», *Religiões da Lusitânia (Catálogo da Exposição)*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 215-222.
- Henriques, Francisco; Caninas, João 1992: «O muro tradicional e a sua cobertura», *Preservação* 13, 101-107.
- Hipólito, Mário Castro 1960/1961: «Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga* II-III, 1-166.

- Le Roux, Patrick 1994: «Cités et territoires en Hispanie : l'epigraphie des limites», *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXX (1), 37-51.
- Mantas, Vasco G. 1988: «Orarium Donavit Igaiditanis: Epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana», *1.º Congreso Peninsular de Historia Antigua* vol. II, Universidad de Santiago de Compostela, 415-439.
- Mantas, Vasco 1993: «Evergetismo e culto oficial: o construtor de templo C. *Cantius Modestinus*», *Religio Deorum – Actas del coloquio internacional de epigrafía, culto y sociedad en Occidente*, Sabadell, 227-250.
- Mantas, Vasco G. 1998: «O espaço urbano nas cidades do norte da Lusitânia», *Los Orígenes de la Ciudad en el Noroeste Hispánico, Actas del Congreso Internacional (Lugo, Mayo de 1996)*, Lugo, 355-391.
- Mantas, Vasco G. 2002: «C. *Cantius Modestinus* e seus templos», *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa (Catálogo da exposição, coord. J. C. Ribeiro)*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 231-234.
- Mantas, Vasco 2006: «Cidadania e Estatuto Urbano na *civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha)», *Biblos* vol. IV, 2.ª série, 49-92.
- Martín Bravo, Ana M. 1999: *Los orígenes de Lusitania. El 1 milenio a.C. en la Alta Extremadura*, BAH 2, Real Academia de la Historia, Madrid.
- Martins, Manuela 1988: *O povoado fortificado do Lago, Amares*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 1, Braga.
- Ortiz De Urbina, Estíbaliz 2000: «Las Comunidades Hispanas y el Derecho Latino: Observaciones sobre los procesos de integración local en la práctica político-administrativa al modo romano», *Anejos de Veleia*, series minor 15, Vitoria / Gasteiz.
- Ruivo, José 1997: «O conflito sertoriano no ocidente hispânico: os testemunhos dos tesouros monetários», *Archivo Español de Arqueología* 70, CSIC, Madrid, 91-100.
- Sá, Ana 2008: *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Município de Indaha-a-Nova.
- Sánchez-Palencia, Javier; Pérez García, Luis Carlos 2005: «Minería romana de oro en las cuencas de los ríos Erges / Erjas y Bazágueda (*Lusitania*): la zona minera de Penamacor-Meimoa», *Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI / ARA, Guarda, 267-307.
- Tarpin, Michel 2002: *Vici et pagi dans l'Occident romain*, collection de l'École française de Rome n° 299, Paris-Roma.
- Vilaça, Raquel 2005: «Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o 1 milénio a.C.», *Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, CEI / ARA, Guarda, 13-32.
- Vilaça, Raquel 2007: «A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do 1 milénio a.C.», *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica 08*, Universidade do Algarve, 67-75.
- Villaronga, Leandre 1980: «Tresor de Idanha-a-Velha (Castelo Branco, Portugal) de denaris romans, ibèrics i dracmes d'Arse», *Numisma* 165-167, Madrid, 103-117.

Recibido el 27-10-08
Aceptado el 09-03-09